

O DESENHO CONTEMPORÂNEO



EM DIALOGO COM A OBRA



DE ABEL SALAZAR



TÍTULO

O DESENHO CONTEMPORÂNEO
EM DIÁLOGO COM A OBRA
DE ABEL SALAZAR

EXPOSIÇÕES

Ciclo de Desenhos
22.02.2020 a 18.04.2022
Casa-Museu Abel Salazar,
Matosinhos

Artistas
Rosi Avelar, Mário Vitória,
Mário Bismarck, Sílvia Simões,
Bárbara Fonte, Paulo Luís Almeida
e Martinha Maia

Curadoria
Sílvia Simões

Equipa de montagem
André Azevedo
Joaquim Pinto

CATÁLOGO

Organização
Sílvia Simões

Edição
i2ADS
U.Porto Press

Colaboração
André Azevedo
Anabela Santos
João Sousa Pinto
Luísa García Fernandes
Susana Barros

Textos
Inês Nunes, Laura Avelar Ferreira,
Luísa García Fernandes, Mário
Bismarck, Paulo Almeida, Sílvia
Simões, Susana Barros, Vítor Silva

Fotografia
João Sousa Pinto, André Azevedo

Coordenação editorial
Isabel Pacheco, U.Porto Press

Revisão
Maria José Cunha

Este trabalho é financiado por
fundos nacionais através da
FCT – Fundação para a Ciência
e a Tecnologia, I.P., no âmbito
do projeto UIDP/04395/2020.

Apoiado pela Direção Regional
de Cultura do Norte

Coleção ATELIER
1.ª Edição, n.º 3, Porto, maio 2022

©U.Porto Press
Universidade do Porto
Praça Gomes Teixeira
4099-002 Porto
www.up.pt/press
editup@reit.up.pt

© i2ADS
Instituto de Investigação
em Arte, Design e Sociedade
Faculdade de Belas Artes
da Universidade do Porto
Av. Rodrigues de Freitas, 265
4049-021 Porto
i2ads@fba.up.pt
i2ads.up.pt

Design
Joana Lourencinho
Carneiro

Impressão
Penagráfica

Tiragem
300

ISBN i2ADS
978-989-9049-29-1

ISBN Universidade do Porto
978-989-746-327-3

Depósito legal
501920/22

i2ADS.

U.PORTO
FACULDADE DE BELAS ARTES
UNIVERSIDADE DO PORTO

FCT
Fundação
para a Ciência
e a Tecnologia

CASA
MUSEU
ABEL SALAZAR

Associação de Desenvolvimento
Casa Museu Abel Salazar

U.PORTO PRESS

Apoiado pela Direção Regional de Cultura do Norte
REPÚBLICA PORTUGUESA
CULTURA DO NORTE

BANCO
CARREGOSA

"O restolhar dos ossos, e a risada aberta de uma orelha à outra". T. S. Eliot, A Terra Devastada, 1922.

"É então verdade que o inconsciente usa sapatinhos vermelhos? É verdade garanto-te eu". j.b., 12. 2. 2002.

ANTE SCRIPTUM.

Bárbara,

É evidente que os teus intermezzi videográficos (entre-os-meios) são meios-entre-e-durante. Duram no meio, no meio de cada meio, etc. No meio dos desenhos, e dos outros desenhos, e dos desenhos dos outros (como no caso de Abel Salazar).

Interlúdios, entreactos cómicos, "cosmicómicos"! Nesses meios nasce - irrompe - a dança; uma "maneira" de dança, quando ao redor tudo se desmorona e desfigura. Em tremores quase discretos. (Im)passível. E então desata o riso, a bater os pés, com a alegria que, como a resina, escorre do corte, da ferida, da dor. Lentamente. Oh, o que significa "ganhar" forma e/ou é "sempre informe"?!

O que parece não é. A dor não é a violência; a cantilena é um murmúrio imperturbável (falsamente) como a ação suspensa - o gesto centrípeto de uma dobra que dissimula, mas nada esconde. A bonança que antecipa a tempestade. Extático baloiço de fantasias e de fantasmas. Doidos que balançam numa breve tremura...

A paisagem sem horizonte atravessa, aqui e ali, agora, as tremuras (ou as ternuras?!) do corpo. Pele-máscara, seio-testemunha, vegetal-mártir, formosa-mortal, vénus-pressiva... a inventar novos meios... espanta-pássaros, fábulas e estórias excessivas, insones...

1.

Caminhar nas imagens como sobre um terreiro de brasas.

Ora são corpos aumentados, gordos, talhados, cortados, torsos decepados; ora são flores e frutos, panos, vestimentas, luvas, bolas, botões. Há seios, bocas, bocarras, dentes, tripas, caudas, amálgama de órgãos, pupilas, peluches e bonecos narigudos. Mas também nervuras, pequenos monstros, cobras, excreções, jatos... adereços de palhaço e arlequim, tecidos de xadrez, humores a preto-e-branco... corpos depostos e desmembrados.

2.

Obscenidade, despudor, sem vergonha, maldade, perversidade... crueldade. Agressões dirigidas ao corpo, mas parodiadas, divertidas e bonecadas. Nos desenhos de Bárbara Fonte, nestes desenhos, e no contraponto visual que realizam com as caricaturas de Abel Salazar, sentimos, apesar de tudo, um alívio

momentâneo, um relaxamento ambíguo, no confronto com o silêncio e o mutismo que faz parte da figuração visual. Todavia, diante da desagregação e da acumulação de figuras, pressentem-se risotas, gargalhadas rasgadas e mesmo berros, gritos e guinchos que não ouvimos. Explode assim uma hemorragia sem sentido, ridícula e cómica, fantasiada, talvez pelo facto de não sabermos, nem nos darmos conta, que temos também um corpo, e de não compreendermos essa materialidade bruta que se sobrepõe à determinação lógica.

3.

O que pode um corpo? O que há na potencialidade do corpo? As figuras deste estranho imaginário mostram-se, por irrisão, tortuosas e torturadas, exibem feridas e risadas abertas, exageradas. Deste ponto de incongruência, olhamos para as suas indiscretas formações, para o delinear contrastante de uma absurda "descompostura" visual. O que experimentam estas figuras? Não apenas o burlesco, mas o que acontece e potencia as livres conexões, a livre escolha das relações. A alegria e a rebeldia, o excesso e a festa, a impudicícia e a volúpia.

Nos desenhos, o que acontece - a desagregação, a desinibição formal, o sair dos eixos - provém das pulsões que sacodem o corpo, das profundezas libidinais, do prazer: o riso é uma linguagem do corpo, como a dança, uma coreografia na fronteira entre o somático e semiótico.

Esta compulsão nervosa, sem significado, autoridade ou destinatário preciso, é investida pela animalidade e pelo instinto, como se conhecer se fizesse pelo saber-do-corpo: contorções, espasmos, apertos, expansões, encolhimentos, dilatações, um ritmo vivo e patético de sinais.

4.

Os desenhos aceleram o patetismo visual das risadas: o organismo gráfico é todo ele uma contorção, um equilíbrio ou uma queda na plasticidade negra do humor. A ausência de sentido está ali e pressupõe afinal todo o sentido. A figurabilidade exprime uma formação de compromisso que incorpora a inibição e o impulso, o medo e o prazer, a angústia e a troça, a realidade e o desejo. Com o negro da tinta-da-china, os desenhos dissipam a aura intimidatória dos fantasmas; a linha-histrião é de cor trágico-cómica.

5.

A "iniciação" visual lembrar-se-á de uma primeva e arcaica "iniciação ritual"? Não será o despertar para a feitura das imagens uma continuada cerimónia de enfrentamento do medo? O despertar pode ser um rito de passagem e, por isso mesmo, um reativar dessa inscrição memorial e emocional, indescriível, que implica *passar, ter que passar* ou, ainda, *atravessar*.

A experiência inelutável do ver acontece então quando, sem preparação, se acelera e se descobre a força de ver, e quando aquilo que significa *passar*, mudar de estado, modificar, alterar-se, metamorfosear-se... advém ao visível como sendo uma *passagem que não passa sem a vívida tensão de não-passar*.

Neste passe-impasse, fazer-um-desenho vem reinscrever, reiterar e repetir, esse desejo e temor diante da *passagem*; faz do seu porquê, dos seus instrumentos e materiais uma possibilidade gráfica, mas inaugural e indicial, sempre imprecisa nos seus sinais e augúrios visuais.

6.

Tal como se diz em inglês, *to pass away*, e ali – nesse passo – instantaneamente *sobreviver*.

A *coreografia do riso* não será a justificação equívoca ou a metáfora surpreendente de uma dança no “tridimensional plano do vergonhoso e do ridículo”?

Nos passos histriônicos e nos gestos desarticulados do bailarino-palhaço-marioneta esbraceja o *ballet* de uma humanidade que ri da sua imagem. Por isso, na dança dos desenhos de Bárbara Fonte, talvez não seja o riso o elemento essencial da imagem, mas sim os gestos, arrancados ao pulso do desenhador, que motivam a risada e a sua supérflua inoperabilidade. Nesses gestos, o corpo reinscreve a sua perda e ri, ri, ri-se, nos reflexos dessoutra ridícula humanidade. É assim que um corpo sem gestos, mas vestido de risadas, exhibe a vibração gráfica das suas tripas.

7.

E o olhar, não será a insistente celebração de um calafrio, de um estremecimento? Quantas vezes, diante do desconhecido, do Aberto que devora o motivo do olhar, da sideração expectante e terrífica, se recria a cena profana, pagã e desabrida da surpresa? Sentimo-nos, ao olhar, olhados pela inaudito, pelo imprevisível, pelo jamais visto ou imaginado. Dilatam-se os órgãos do desejo, segundo um misto de angústia e perversidade, de desejo e inquietação. Em mortalhas estendidas, desvela-se o medonho, a incitação, o interdito, o perigo. O riso “impróprio” da sexualidade.

8.

Não é a busca do conhecimento, mas sim o “conhecer-se pelo abismo”: abismar-se. Precipitar-se no assombro da queda. Mistério do perigo, do ver-insondável. Experiência de olhar, de olhar o que se furta a ser olhado. História do olho siderado. Do olhar tocado pelo perigo. De que perigo? A ameaça de ter visto, e voltar a ver, sem se dar de conta, vezes sem conta.

Ver o quê? O horror, a *passagem*?! O trauma abismal do olhar. Olhado para sempre: ser visto a ver; a ver o interdito. Interdito não ditado nem preparado, nem mesmo ainda proibido. O olhar infante, sem linguagem... E o salto no imprevisto: o susto da criança e a travessura que lhe é simultânea. A ferida de onde as imagens nos olham. A demolição que lhes

é ínsita. Imanente. Daquele que está ou assiste como terceiro. Terceiro olho incluído. Entre a luz e o mundo sepulto.

Olhar e abismar-se no olho. Como os caretos, mascarados de fina malícia, de agressivo conforto. A horda dos caretos e a dança dos mascarados. O medo que incitam, “protegem” e recitam.

9.

O cómico reforça o medo, mas combina o riso. O feminino ferir. Ferocidade do rir. Rir, rir, rir, de um, de muitos, de todos. Astúcias do riso: a querida nudez ferida. Pregas feridas de susto, pregas ferozes do riso: despidos os corpos, descobertas as máscaras e os lábios da nudez...

Em volutas de grotescos, os gestos da tinta traçam a circulação doida e absurda de um suplício e a redenção de um devir ridendo do martirizado. À volta do corpo, envolta em figuras e adereços, a dança ritualiza os passos de um feminino ferir, de uma ferocidade burlesca.

10.

O RIR, a DANÇA, o *INTERMEZZO*, a CARETA, a NUDEZ, o FEMININO, o BOBO. A política: descolonizar o corpo... romper com o coleto de forças das convenções, transgredir os limites do decoro, dos costumes e da moral. Exibir livremente as imperfeições, mas também o desfaseamento entre o que se desfigura (o belo!) e o que se remedeia na relação com o espectador (a malícia!).

Assim, tal como nas duas estampas da *Análise da Beleza* de William Hogarth, os desenhos de Bárbara Fonte insistem na momice de uma mnemónica desordem com a qual o corpo, desde o manequim até ao osso, num grotesco e serpentino ornamento, se vê a torcer de riso das regras da arte e da comédia humana

Diga-se apenas de *passagem*, que não há melhor ponto de partida para a reflexão do que o riso. E que a vibração do diafragma costuma ser um melhor estimulante do pensamento do que as vibrações da alma. W. Benjamin, *O autor como produtor*, 1934.

RÉPLICA.

O que compreendo, com os teus desenhos, dos teus desenhos? Vem-me sempre à mente a célebre referência deleuziana de Espinosa: “O que pode um corpo?” Ninguém sabe... “O que pode um corpo é a natureza e os limites do seu poder de ser afetado”. Reiteremos a questão: que possibilidades, que potências se referem ao corpo? Por exemplo, quando o corpo ri, ri, e ri desabridamente?! Dizem-me que é o diafragma a agir compulsiva e nervosamente. Um movimento de agitação que descontrola o corpo todo. Modifica-o, escraviza-o pela disformidade. Sacode-o sem parança. A convulsão desfigura a conveniência das posturas. Ri, ri, ri e contamina outros corpos. A empatia dos diafragmas humanos!... E a malícia de esgueirares-te a vê-los funcionar.